

Crenças em teorias da conspiração: Uma aproximação desde a Psicologia Social

Alessandro Teixeira Rezende
Valdiney Veloso Gouveia
Heloísa Bárbara Cunha Moizéis

RESUMO

Diante da incerteza, não clareza ou incompreensão dos fatos, sobretudo em contextos de instabilidade política e social (e.g., pandemia de doenças contagiosas), as teorias da conspiração se consolidam como a criação de uma explicação "alternativa" ou "fantasiosa" para fatos que normalmente contrariam a versão oficial e politicamente correta de determinado acontecimento. Os criadores e adeptos de tais teorias, em geral, apresentam olhar cético acerca de algumas explicações dadas a eventos controlados por instituições e pessoas poderosas, atribuindo um outro significado interpretativo diverso ao acontecimento. Mediante as informações supracitadas, o presente artigo tem como objetivo introduzir a temática das crenças em teorias da conspiração no contexto da Psicologia Social. Neste sentido, inicialmente buscou-se abordar as motivações associadas ao endosso dessas teorias, mostrando como a Psicologia Social tem estudado esse fenômeno, além de descrever os principais instrumentos utilizados para sua avaliação e seus correlatos. Procurou-se, ao final deste artigo, oferecer sugestões de pesquisas que poderão ser levadas a cabo no contexto brasileiro, mostrando o papel dessas crenças, por exemplo, no contexto político vigente.

Palavras-chave: Crenças; Teorias; Conspiração; Psicologia social.

ABSTRACT

Beliefs in conspiracy theories: An approach from Social Psychology

Faced with uncertainty, lack of clarity or misunderstanding of the facts, especially in contexts of political and social instability (eg, a contagious disease pandemic), conspiracy theories consolidate themselves as the creation of an "alternative" or "fanciful" explanation for facts that they usually run counter to the official and politically correct version of a given event. The creators and supporters of such theories, in general, present a skeptical look about some explanations given to events controlled by institutions and powerful people, attributing another interpretive meaning to the event. Based on the aforementioned information, this article aims to introduce the theme of beliefs in conspiracy theories in the context of Social Psychology. In this sense, we initially sought to address the motivations associated with the endorsement of these theories, showing how Social Psychology has studied this phenomenon, in addition to describing the main instruments used for its assessment and their correlates. At the end of this article, we sought to offer research suggestions that could be carried out in the Brazilian context, showing the role of these beliefs, for example, in the current political context.

Keywords: Beliefs; Theories; Conspiracy; Social Psychology.

INTRODUÇÃO

Nas três últimas décadas, têm-se observado um interesse crescente por um conjunto de fenômenos que vêm sendo descritos sob a denominação de teorias da conspiração. Eventos como o ataque de 11 de setembro (2001) nos Estados Unidos, os atentados de Londres (2005), a recente crise financeira mundial (2008) e a pandemia de doenças contagiosas, como

Sobre os autores

A. T. R.
<http://orcid.org/0000-0002-5381-2155>
Universidade Federal da Paraíba
– João Pessoa, PB
als_tx29@hotmail.com

V. V. G.
<http://orcid.org/0000-0003-2107-5848>
Universidade Federal da Paraíba
– João Pessoa, PB
vvgouveia@gmail.com

H. B. C. M.
<http://orcid.org/0000-0003-0477-8410>
Universidade Federal da Paraíba
– João Pessoa, PB
heloisabarbara96@gmail.com

Direitos Autorais

Este é um artigo de acesso aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



ebola, H1N1 e HIV deram lugar a um cenário político e social permeado de incertezas e desconfianças (Byford, 2014). Surgiram então várias especulações, opiniões e comentários, por vezes, infundados e carregados de suposições mirabolantes, produzindo “teorias da conspiração”, que têm ganhado destaque em redes sociais (e.g., *Facebook*, *Instagram*) e meios de comunicação (e.g., jornais, revistas).

Registra-se que o fascínio do público em relação às teorias da conspiração não se restringe aos contextos estadunidense e europeu; este tem se configurado como um fenômeno mundial, apresentando-se como um meio popular de oposição às forças do capitalismo internacional e da globalização (Byford, 2014). Favorece, por exemplo, o enfrentamento às hierarquias sociais estabelecidas e oferece entendimentos alternativos acerca de eventos da realidade social (Sapountzis & Condor, 2013). Nesse sentido, tais teorias atribuem eventos sociais e políticos relevantes a ações de grupos poderosos e malévolos (Uscinski & Parent, 2014).

Diversas evidências têm dado suporte para essa visão, mostrando que as teorias da conspiração estão fortemente associadas com a desconfiança política (Jolley & Douglas, 2014a). Por exemplo, uma pesquisa de opinião realizada por Oliver e Wood (2014) indicou que 25% dos entrevistados estadunidenses concordavam com a ideia de que a crise financeira atual foi secretamente orquestrada por banqueiros da *Wall Street* para ampliar o controle da economia mundial. Na mesma direção, em sua pesquisa Longuet (2014) evidenciou que cerca de 20% dos entrevistados acreditavam que os *Illuminati* eram responsáveis pelo controle da economia internacional. Em contextos diferentes, Gyárfásová (2013) observaram que a crença de que “não é o governo o responsável por administrar o país, mas sim grupos secretos” ganhou destaque na Hungria (42%), França (51%) e, principalmente, Eslováquia (63%).

Diante da incerteza, não clareza ou incompreensão dos fatos, sobretudo em contextos de instabilidade política e social, as teorias da conspiração se consolidam como a criação de uma explicação “alternativa” ou “fantasiosa” para fatos que normalmente contrariam a versão oficial e politicamente correta de determinado acontecimento (Van Prooijen & Acker, 2015). Os criadores e adeptos de tais teorias, em geral, apresentam olhar cético acerca de algumas explicações dadas a eventos controlados por instituições e pessoas poderosas, atribuindo um outro significado interpretativo diverso ao acontecimento (Bessi et al., 2015).

Pidgen (2006) ressalta que as teorias conspiratórias dizem respeito a planos secretos que são arquitetados por um grupo de pessoas para influenciar certos acontecimentos. Keeley (1999), da mesma forma, as define como uma explicação proposta para algum evento histórico que é arquitetado de maneira secreta por um grupo relativamente pequeno de pessoas (conspiradores). McCauley & Jacques (1979), por sua

vez, ressaltam que as teorias da conspiração têm sido concebidas como uma tentativa de explicar a causa de um evento (que geralmente é de natureza política ou social) proveniente de uma aliança secreta de organizações e indivíduos. Freedman (2000), não muito diferente, entende que tais teorias são uma criação de histórias alternativas, pautadas em narrativas complexas e plausíveis ao estabelecerem uma conexão com a realidade social.

A partir do anteriormente descrito e considerando a centralidade das teorias conspiratórias na vida das pessoas, decidiu-se delinear o panorama vigente sobre o estudo das crenças em teorias da conspiração em Psicologia Social. Neste sentido, inicialmente se abordarão as motivações associadas ao endosso dessas teorias; posteriormente, procura-se mostrar como a Psicologia Social tem estudado esse fenômeno, descrevendo os principais instrumentos utilizados para sua avaliação e seus correlatos.

MOTIVAÇÕES DAS CRENÇAS EM TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO

Douglas et al. (2017) postulam que estudos na literatura (Sapountzis & Condor, 2013; Uscinski & Parent, 2014) demonstram que a adesão a explicações baseadas em teorias da conspiração satisfaz necessidades psicológicas importantes, caracterizadas como *epistêmicas* (e.g., desejo de compreensão, precisão e certeza subjetiva), *existenciais* (e.g., desejo de controle e segurança) e *sociais* (e.g., desejo de manter uma imagem positiva do eu ou do grupo). Esta taxonomia, conforme seus autores, é útil para classificar as motivações associadas ao endosso a crenças de uma conspiração.

Encontrar explicações causais para eventos é parte fundamental da construção de uma compreensão estável, precisa e internamente consistente do mundo social (Heider, 1958). Portanto, a motivação epistêmica inclui a necessidade de reduzir a incerteza e o desconforto do indivíduo frente a uma informação que não está acessível, proporcionando-a um significado e sentido. Deste modo, as teorias da conspiração fornecem explicações amplas e internamente consistentes, que possibilitam que as pessoas preservem as crenças diante de situações que envolvem incerteza e contradição.

A esse respeito, Rezende (2019) ao realizar uma extensiva busca na literatura acerca das crenças em teorias da conspiração verificou que tais crenças dentro do campo da Psicologia Social vêm sendo utilizadas como um recurso para encontrar equilíbrio cognitivo. Nesse interim, o autor em questão não defende uma perspectiva em detrimento das demais, todavia, ressalta que há uma predominância de uma abordagem mais cognitivista dentro da Psicologia Social no estudo das teorias da conspiração.

De acordo com esta análise, sugere-se que a crença em teorias da conspiração é mais forte quando os eventos são

especialmente grandes ou significativos e deixam as pessoas insatisfeitas com explicações superficiais (Leman & Cinnirella, 2013), ou quando elas experimentam ansiedade como resultado de eventos que não possuem respostas oficiais claras (Marchlewska et al., 2018). Portanto, estas teorias satisfazem necessidades epistêmicas, tais como a proteção de acontecimentos que geram incerteza cognitiva, estando associadas com níveis mais baixos de pensamento analítico (Swamiel et al., 2014) e escolaridade (Douglas et al., 2016), assim como se relacionam com a tendência a superestimar a probabilidade de acontecimentos que não existem (Marchlewska et al., 2018).

As explicações causais baseadas em pensamentos conspiratórios também atendem a necessidade que as pessoas têm de se sentirem seguras, tendo controle sobre o seu meio (Swami et al., 2014). Desse modo, quando as pessoas sentem esse controle ameaçado, elas se voltam às teorias conspiratórias como forma de rejeitar narrativas oficiais e criar explicações alternativas, reduzindo o sentimento de ameaça e instabilidade (Bost & Prunier, 2013). Além disso, estudos indicam que os indivíduos aderem às teorias conspiratórias quando estão mais ansiosos (Grzesiak-Feldman, 2013), se sentem impotentes (Abalakina-Paap et al., 1999) e quando percebem falta de controle sociopolítico (Bruder, et al., 2013).

As explicações baseadas em ideias conspiratórias também são motivadas por necessidades sociais, a exemplo do desejo de pertencer e manter uma imagem positiva de si mesmo e de seu grupo de pertença. A propósito, sugere-se que as teorias da conspiração valorizam o eu e o próprio grupo (endogrupo), favorecendo que a culpa de resultados negativos seja atribuída aos outros (exogrupo) (Douglas et al., 2017; Marchlewska et al., 2018). Neste sentido, espera-se que as teorias da conspiração sejam particularmente atraentes para as pessoas que consideram que a sua imagem ou a do seu grupo esteja ameaçada (Cichocka et al., 2016). Nesta direção, membros de grupos que têm *status* baixo devido a sua etnia ou renda são mais propensos a aderir a teorias da conspiração (Uscinski & Parent, 2014), estando tais crenças também associadas com o preconceito frente a grupos percebidos como inimigos e poderosos (Imhoff & Bruder, 2014). Estes achados sugerem que tais teorias podem ser utilizadas para aliviar o grupo de uma sensação de posição desfavorecida, isto é, os grupos que se sentem desmerecidos são mais propensos a apoiar teorias de conspiração sobre a existência de um inimigo poderoso e maligno (Bilewicz et al., 2013).

Parece evidente, pois, que uma das principais características das teorias de conspiração é fornecer explicações causais para eventos sociais complexos. Conforme Hofstadter (1966), a ideia conspiradora está enraizada em uma tendência geral de explicar e racionalizar fenômenos complexos do mundo real em um conjunto coerente de pressupostos sobre a existência de um inimigo poderoso e malvado, destacando a

necessidade que as pessoas têm de explicar eventos que são difíceis de compreender. Esta necessidade sugere que a crença em teorias de conspiração reflete um método sistemático de processamento de informação, que leva a uma visão de mundo geral capaz de explicar eventos que são tidos como ameaçadores ou desconhecidos (Abalakina-Paap et al., 1999; Swami & Coles, 2010).

As crenças na conspiração servem, portanto, a uma função explicativa, estando associadas a processos mentais que visam considerar o mundo como ordenado, compreensível e previsível. Um fator típico que instiga tais processos são os sentimentos subjetivos de incerteza sobre o ambiente social (Van den Bos, 2009). Estima-se que os sentimentos de incerteza têm o potencial de promover crenças de conspiração. Nesta linha, Whitson & Galinsky (2008) indicam que as pessoas que não têm controle (uma condição frequentemente associada à incerteza) têm maior inclinação a perceber padrões em estímulos não relacionados, como ver imagens em ruído, ter superstições e manter crenças na conspiração.

A necessidade de manter controle sobre o meio social pode explicar a razão das teorias de conspiração ganharem impulso, particularmente, após eventos sociais impactantes, que provavelmente são experimentados como ameaças de controle por parte dos cidadãos (e.g., ataque terrorista, desastre natural, ameaça de guerra; Shermer, 2011). De fato, a literatura tem mostrado que as pessoas são mais propensas a atribuir ideias conspiratórias a eventos chocantes e prejudiciais (e.g., um político assassinado, um famoso morto em um acidente) quando comparados a eventos sociais menos impactantes ou nocivos (e.g., alguém tenta assassinar um político, mas falha; há um acidente, mas o famoso sobrevive (McCauley & Jacques, 1979).

A crença em teoria da conspiração é um fenômeno transcultural, que tem tido lugar em diversos países, de modo que pesquisas de opinião têm mostrado que uma proporção substancial de pessoas no mundo admite acreditar em alguma forma de crenças em teorias da conspiração (Byford, 2014). Este fenômeno, portanto, tem cada dia mais atraído a atenção de psicólogos sociais, que procuram conhecer seus correlatos psicológicos, isto é, suas causas e conseqüências (Brotherton et al., 2013; Swami et al., 2010). Procura-se, a seguir, resgatar algumas das contribuições destes profissionais ao entendimento das teorias da conspiração.

TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO: INTERFACES COM A PSICOLOGIA SOCIAL

Durante anos as crenças em teorias da conspiração foram objeto quase que exclusivamente de áreas como História e Ciências Sociais. Porém, quiçá em razão de sua popularidade, diversos psicólogos passaram a estudar este fenômeno. A

propósito, no final dos anos 1980, Carl Graumann (1987) observou que, embora as teorias da conspiração fossem um tópico de “interesse psicológico intrínseco”, não havia um corpo substancial de pesquisas na área dedicada especificamente a essa temática. Entretanto, não tardou para terem início diversas pesquisas destinadas a explorar os fatores psicológicos que poderiam explicar a susceptibilidade das pessoas a ideias conspiratórias, indicando o surgimento gradual do interesse da Psicologia Social (Byford, 2014; Van Prooijen & Acker, 2015).

Ressalta-se que em sua origem as teorias da conspiração estiveram atreladas a visões políticas extremistas, deixando-se de lado sua importância para explicar eventos sociais. No entanto, nas duas últimas décadas sobretudo, houve uma mudança importante na percepção pública destas teorias (Lobato et al., 2014). No caso, as crenças conspiratórias passaram a ser vistas não mais como uma simples prerrogativa de extremistas, mas uma forma de explicação social cotidiana e uma maneira cada vez mais comum de explicar questões diversas, como o contexto político, o aumento da vigilância e a ameaça a privacidade proveniente do desenvolvimento da tecnologia, por exemplo, além do aumento do poder de corporações transnacionais (Jolley & Douglas, 2014b).

Seguindo essa linha de pensamento, as teorias da conspiração passaram a ser vistas como uma forma de dar sentido às incertezas do cotidiano. Quando confrontadas com informações sobre um evento considerado inexplicável, as pessoas procuram minimizar a incerteza por meio de atalhos cognitivos, que fazem com que sigam a lógica de ideias conspiratórias (Jolley et al., 2017). Nessa direção, Oliver & Wood (2014) evidenciam que metade do público estadunidense endossa pelo menos uma crença em teorias da conspiração. Portanto, estas crenças são bastante difundidas no cotidiano e não se restringem a uma mera expressão de extremistas políticos ou são exclusivas de mentes psicopatológicas (Swami et al., 2014).

A popularidade das teorias da conspiração é endossada por sua inserção recente em pesquisas da Psicologia Social (Jolley et al., 2017; Lobato et al., 2014; Oliver & Wood, 2014; Swami et al., 2014). Neste campo, por exemplo, tem sido dada ênfase à identificação de fatores que distinguem os indivíduos que endossam crenças conspiratórias daqueles que não apresentam tais crenças. Por exemplo, Abalakina-Paap et al. (1999) apreendem a essência dessa discussão ao argumentarem que toda a história da humanidade pode ser tida como uma conspiração, mas somente certos tipos de pessoas endossariam essas ideias.

As pesquisas nesta área têm se centrado também em identificar os déficits perceptuais ou cognitivos que levam os indivíduos a adotar explicações conspiratórias. De acordo com Kruglanski (1987), as crenças em teorias da conspiração podem ser sustentadas por ilusões cognitivas capazes de dar coerência a uma realidade não explicável. Porém, ressalta-se

que foi somente a partir do início da década de 1990 que os psicólogos começaram a examinar as bases sociocognitivas destas crenças (Jolley et al., 2017). Clarke (2002), por exemplo, as discutiu no contexto do viés de atribuição fundamental. Segundo sua análise, devido a tendência geral de superestimar a importância de fatores disposicionais e subestimar os situacionais, os que sustentam estas crenças conspiratórias são mais propensos a culpar os agentes conspiradores mesmo quando há explicações situacionais coerentes de determinado evento. Este viés pode ser aumentado quando os indivíduos experimentam emoções intensas desencadeadas por eventos catastróficos que, por sua vez, auxiliam na disseminação destas crenças e fornecem justificativas para esses estados afetivos (Clarke, 2002).

McHoskey (1995) também discutiu as teorias de conspiração no contexto da assimilação tendenciosa da informação e das atitudes. Especificamente, demonstrou que os indivíduos tendem a aceitar de forma acrítica evidências que apoiavam seu próprio argumento, desacreditando naquelas contrárias às suas crenças. Por outro lado, quando os participantes são expostos a informações distintas, tendem a variar em suas atitudes, apresentando maior aceitação de seu ponto de vista em detrimento de informações que contrariam suas crenças. Mais recentemente, Leman e Cinnirella (2007) mostraram que os que se pautam nessas crenças julgam relatos fictícios de um assassinato mais plausíveis quando são consistentes com suas crenças evidenciando um “viés de cognição”.

As crenças em teorias da conspiração, portanto, ajudariam os indivíduos a dar sentido a um mundo que foge de seu controle, oferecendo explicações aparentemente coerentes para eventos sociais complexos (Miller, 2002). Por exemplo, algumas pessoas podem acreditar que os ataques do 11 de setembro foram perpetrados pelo próprio governo estadunidense, simplificando a complexidade da política contemporânea. Além disso, ao utilizar crenças conspiratórias para explicar situações incompreensíveis, passa-se a desconfiar dos outros, especialmente daqueles que ocupam cargos de autoridade (Byford, 2014). Neste contexto, Douglas & Sutton (2011) alertam que os psicólogos não devem dar atenção ao fato de as crenças em teorias da conspiração serem “verdadeiras” ou “falsas”; eles precisam conhecer o porquê de as pessoas acreditarem em certas ideias conspiratórias para explicar sua realidade.

Por fim, é inegável a influência que as crenças em teorias da conspiração exercem no cotidiano dos indivíduos, incluindo suas atitudes e condutas, o que justifica o interesse da Psicologia Social. Estas crenças são bastante difundidas no meio social, motivando vários estudos com o fim de conhecer sua relação com outros construtos desta área, como o engajamento político e comportamentos ambientais (Jolley & Douglas, 2014a), traços de personalidade (Swami & Furnham,

2012), ideologia (Byford, 2014), heurísticas e equilíbrio cognitivo (Leman & Cinnirella, 2013). Neste contexto, uma preocupação que tem persistido diz respeito à medição ou avaliação das crenças em teorias da conspiração, assegurando conhecimentos mais adequados acerca de seus correlatos. Procura-se a seguir levantar alguns dos instrumentos mais comumente empregados nas pesquisas desta área de estudo.

MENSURAÇÃO DAS CRENÇAS EM TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO

Paralelo ao interesse acadêmico crescente com as crenças nas teorias da conspiração em Psicologia Social, pesquisadores começaram desenvolver diversas escalas para avaliar as diferenças individuais em termos de endosso destas crenças e/ou seu engajamento em pensamentos conspiratórios (Swami et al., 2017). Concomitante aos esforços em conhecer os antecedentes (Abalakina-Paap et al., 1999) e consequências (Jolley & Douglas, 2014a) das crenças conspiratórias, procurou-se identificar a estrutura dessas crenças que estavam por trás de diversos eventos mundiais (Jolley & Douglas, 2014b). Então, discutiram-se a forma e a estrutura mais adequada para medir as crenças em teorias da conspiração.

A propósito do anteriormente comentado, Wood (2016) sugere que o recurso mais utilizado para medir as crenças em ideias conspiratórias compreende o questionário de autorrelato, isto é, solicitando-se que as pessoas leiam determinadas afirmações e, posteriormente, indiquem em que medida concordam ou discordam com cada uma delas. Consonante com essa discussão, Swami et al. (2017) destacam que na atualidade existem duas abordagens distintas para medir as diferenças individuais em ideias conspiratórias autorrelatadas focadas na amplitude dos estímulos, como se indicam a seguir:

Estímulos específicos. A primeira abordagem é caracterizada por medir as crenças conspiratórias a partir de uma série de afirmações específicas sobre teorias de conspiração presentes no mundo real (e.g., *A ONU está tentando controlar o governo dos EUA; As torres do World Trade Center foram derrubadas por uma demolição controlada*) (Swami et al., 2010). Neste grupo encontram-se, por exemplo, (1) a *9/11 Conspiracist Beliefs Scale*, desenvolvida (Swami et al., 2010) para medir as crenças conspiratórias sobre o 11 de setembro, estando formada por 17 itens (e.g., *As torres do World Trade Center foram derrubadas por uma demolição controlada; As aeronaves que atingiram as torres gêmeas foram controladas pelo exército dos EUA*); e o (2) *Belief in Conspiracy Theories Inventory* (Swami et al., 2010), composto por 15 itens (e.g., *O assassinato de John Kennedy foi fruto de uma armação do governo; A morte de John Kennedy ocorreu devido a uma conspiração detalhada e organizada*). Ambos são respondidos em escala de nove pontos, variando de 1 (*Completamente falso*) a 9 (*Completamente verdadeiro*).

Estímulos gerais. Procura-se nesta abordagem medir as crenças conspiratórias a partir de afirmações mais gerais sem necessariamente fazer referência a eventos específicos do mundo real (e.g., *Eu acho que existem organizações secretas que influenciam as decisões políticas; Eu acho que os políticos geralmente não nos dizem os verdadeiros motivos para suas decisões*) (Bruder et al., 2013). Neste caso, dois dos instrumentos comumente utilizados são (1) a *Generic Conspiracist Beliefs Scale* (Brotherton et al., 2013), que avalia a tendência geral de os indivíduos acreditarem em teorias da conspiração, estando formada por 15 itens (e.g., *O governo está envolvido no assassinato de pessoas inocentes; A propagação de certos vírus é resultado de esforços deliberados e ocultos de algumas organizações*), que são respondidos em escala de cinco pontos, variando de 1 (*Completamente falso*) a 5 (*Completamente verdadeiro*); e o *Conspiracy Mentality Questionnaire* (Bruder et al., 2013), que reúne cinco itens (e.g., *Eu acho que as agências governamentais monitoram de perto todos os cidadãos; Eventos que, aparentemente, parecem não ter uma conexão, muitas vezes são o resultado de atividades secretas*), os quais são respondidos em escala de onze pontos, variando de 0% (*Certamente não*) a 100% (*Certamente Sim*).

CORRELATOS DAS CRENÇAS EM TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO

Dada a atenção ampla que esta temática começa a receber, vários pesquisadores passaram a levar a cabo estudos que pudessem mapear os fatores psicológicos que estariam envolvidos nas crenças em teorias da conspiração. Por exemplo, Jolley et al. (2017) procuraram conhecer a relação entre teorias da conspiração e o estabelecimento do *status quo*. No caso, por meio de uma manipulação experimental os participantes liam duas condições distintas: a primeira descrevia as circunstâncias sociais, econômicas e políticas do Reino Unido como extremamente prejudiciais (*ameaça do sistema*), enquanto que a segunda relatava questões sociais e políticas desse país como não prejudiciais (*afirmação do sistema*). Seus resultados foram de que quando a legitimidade do *status quo* era ameaçada os indivíduos tendiam a endossar crenças conspiratórias, sugerindo que estas crenças funcionam como um meio para defender o sistema social quando a sua legitimidade é ameaçada.

O desejo dos indivíduos de entender o mundo social está intimamente relacionado com a necessidade de ter controle sobre o seu meio ambiente. Deste modo, estudos mostram que fenômenos que estão intimamente associados com a ameaça de controle, tais como ansiedade da morte e incerteza cognitiva (Van Prooijen & Jostmann, 2013), ambivalência atitudinal (Van Harreveld, et al., 2014) e ameaça de controle social (Van Prooijen & Acker, 2015) exercem influência significativa no endosso a crenças em teorias da conspiração.

Contando com amostra de 480 estudantes de graduação de uma universidade dos Estados Unidos, Lobato et al. (2014) aferiram a relação de crenças em teorias da conspiração com variáveis de nível individual, verificando que a necessidade de fechamento cognitivo e o desejo de controle predisseram o endosso de tais crenças. Na mesma direção, Moulding et al. (2016) verificaram que pensamentos conspiratórios estiveram positivamente correlacionados com a intolerância à incerteza, evidenciando que a necessidade de explicar um fenômeno que é considerado "inexplicável" faz com que os indivíduos sustentem crenças conspiratórias para amenizar o sentimento de incerteza. Isso sugere que pessoas com baixa tolerância para ambiguidade ou com alta intolerância à incerteza podem preferir explicações simplificadas pautadas em crenças conspiratórias (Newheiser et al., 2011).

Swami et al. (2014), partindo da perspectiva de que as crenças em teorias da conspiração podem ser entendidas a partir do processamento de informação automático e controlado, constataram que tais crenças se correlacionaram positivamente com o pensamento automático, tendo feito negativamente com o pensamento controlado. Estes autores ressaltaram que o estilo de pensamento controlado se associa negativamente com as crenças em teorias da conspiração por esse tipo de pensamento levar a um processo mais cuidadoso e minucioso da informação aumentando assim a atenção no conteúdo da mensagem. Por outro lado, o pensamento automático se correlaciona de maneira positiva com estas crenças por esse tipo de processamento ter em conta informações de maneira rápida e não sistemática estando mais associado ao uso de atalhos cognitivos.

Em outro estudo, Jolley et al. (2017) ao dividirem os indivíduos em grupo experimental (*exposição às teorias da conspiração*) e controle (*não-exposição às teorias da conspiração*), mostraram que os participantes que foram expostos às crenças nessas teorias tenderam a atribuir mais fortemente os problemas sociais a pequenos grupos de pessoas e não ao sistema social em si. Neste sentido, ao atribuírem tragédias, desastres e problemas sociais a ações de grupos secretos as teorias da conspiração podem fazer com que os indivíduos desviem a atenção das reais limitações inerentes aos sistemas sociais.

Por serem disseminadas na sociedade, as crenças em teorias da conspiração vão ocasionar consequências sociais tanto positivas quanto negativas na vida dos indivíduos. Por exemplo, embora tais crenças possam demandar maior transparência política (Swami & Coles, 2010) e contestação de estruturas ideológicas dominantes (Sapountzis & Condor, 2013), a exposição a elas pode resultar em menor intenção de se envolver em políticas voltadas à redução de carbono (Jolley & Douglas, 2014a), menos atitudes positivas em relação a vacinas (Jolley & Douglas, 2014b) e menor engajamento em

comportamentos positivos na saúde (Oliver & Wood, 2014). Bogart e Thorburn (2006), por exemplo, mostraram que a exposição a estas crenças entre os afro-americanos se associou a atitudes negativas em relação aos comportamentos contraceptivos, ocasionando consequências negativas à prevenção da gravidez e às doenças sexualmente transmissíveis.

Van der Linden (2015) distribuiu aleatoriamente 316 participantes em três condições: (1) os que assistiram a um breve vídeo de conspiração sobre o aquecimento global, (2) os que foram expostos a um vídeo da ONU estimulando comportamentos pró-sociais e, por último, (3) na condição controle, os participantes foram solicitados a resolver um enigma de palavras neutras. Seus resultados indicaram que os indivíduos expostos ao vídeo de conspiração foram menos propensos a acreditar que as mudanças climáticas eram causadas pelo homem, menos propensos a assinar uma petição para ajudar a reduzir o aquecimento global e menos dispostos a doar ou se oferecer para ajudar uma instituição de caridade.

Por último, há que destacar que outros estudos mostraram que o endosso de crenças conspiratórias tem sido associado com a rejeição da ciência, incluindo teorias que negam a ligação entre AIDS e HIV, bem como a existência de mudanças climáticas (Lewandowsky, Gignac, & Vaughan, 2013; Lewandowsky, Oberauer, & Gignac, 2013). A este respeito, Cook et al. (2013) mostraram que enquanto 97% dos cientistas climáticos afirmaram que o aquecimento global está acontecendo, 37% dos estadunidenses acreditavam que o aquecimento global se tratava apenas de uma "farsa" ou "engano". Deste modo, tais crenças impõem barreiras ao engajamento de indivíduos a problemas sociais relevantes, ocasionando uma diminuição da participação política e o aumento de atitudes negativas em relação ao governo (Jolley & Douglas, 2014a).

CONCLUSÃO E DIREÇÕES FUTURAS

O presente artigo objetivou fazer um levantamento acerca de como as crenças em teorias da conspiração vêm sendo estudada em Psicologia Social. Apesar de serem identificados estudos sobre a temática em contexto internacional desta área (Oliver & Wood, 2014; Sapountzis & Condor, 2013), sobretudo considerando pesquisas de cunho quantitativo e experimental (Lobato et al., 2014; Moulding et al., 2016), pouco ainda se sabe a respeito em contexto brasileiro. Portanto, abrem-se possibilidades para estudos diversos.

Dentro dessa conjuntura, os autores não pretenderam trazer um referencial teórico unificado acerca das crenças em teorias da conspiração, tendo em vista que ela ainda se encontra em estágio de desenvolvimento dentro do campo da Psicologia Social, não havendo, portanto, uma teoria unificada que seja capaz de explicá-la.

Conforme se descreveu, os achados sobre o tema nessa área identificam uma série de razões para os indivíduos acreditarem em teorias conspiratórias. A propósito, Rose (2017) destaca que é possível elencar quatro razões principais: (1) o sentimento de impotência e insatisfação com a estrutura social; (2) a percepção de não identificação com as normas sociais dominantes; (3) a necessidade de fornecer explicações e atribuir a um inimigo "oculto" a culpa por eventos considerados prejudiciais; e (4) uma visão de mundo negativa e cética. Destaca-se, ainda, a tendência de as pessoas serem motivadas a perceber seu ambiente como seguro e reconfortante, sendo tais crenças uma maneira pela qual elas logariam o controle sobre o ambiente. De fato, pessoas submetidas a uma situação que não tem controle tendem a endossar em maior medida tais crenças (Van Prooijen & Acker, 2015).

Adicionalmente, Kim & Cao (2016) apontam que as crenças em teorias da conspiração compartilham três características importantes: a ideia de que uma força secreta e malévola está por trás de alguns eventos sociais e políticos; a existência de uma luta entre o bem (e.g., aqueles que querem descobrir a verdade) e o mal (e.g., aqueles que enganam o público para seu próprio ganho); e a percepção de que os relatos oficiais de alguns eventos sociais e políticos são projetados para enganar ou distrair o público. Portanto, tais crenças propiciam quadros de interpretação não oficiais ou alternativos sobre fatos destacáveis.

No que concerne a escassez de estudos brasileiros sobre a temática, um passo inicial seria contar com medidas psicometricamente adequadas. Por exemplo, poder-se-á partir de instrumentos prévios (e.g., *Generic Conspiracist Beliefs Scale* e *Conspiracy Mentality Questionnaire*), adaptando-os à realidade local, ou mesmo desenvolver um novo instrumento, considerando itens *emics*. A propósito de possibilidades futuras como nível escolar, pode ser uma variável importante para explicar o endosso a estas crenças, dever-se-á não limitar as pesquisas a estudantes universitários. Por exemplo, há evidências de que ao longo da trajetória educacional as pessoas aprendem a resolver problemas de forma independente e adquirem habilidades sociais para influenciar seu ambiente, tornando-se mais ativas no controle de suas vidas e diminuindo o sentimento de impotência, sendo mais resistentes às crenças em teorias conspiratórias (Whitson & Galinsky, 2008).

De igual relevância será a realização de estudos experimentais investigando o efeito que a exposição a estas crenças exerce em comportamentos, tal como no engajamento cívico. Por exemplo, estudos vêm mostrando que a exposição dos indivíduos a crenças em teorias da conspiração provoca sentimentos de desconfiança com o governo (Kim & Cao, 2016) e redução de práticas de comportamentos pró-ambientais (Jolley & Douglas, 2014a). Além disso, considerando que estas crenças conspiratórias estão associadas a eventos

de instabilidade social e política, torna-se necessário ter em conta estudos qualitativos que investiguem os significados que os indivíduos atribuem a tais crenças considerando, por exemplo, discursos veiculados em redes sociais (e.g., *facebook*, *instagram*).

Na tentativa de ampliar o escopo de entendimento das teorias da conspiração, poderá ser importante considerar o papel de traços de personalidade (Paulhus & Williams, 2002). Douglas & Sutton (2011) discutem que um dos mecanismos sociopsicológicos que estimulam o endosso a teorias da conspiração é a projeção, ou seja, as pessoas tendem a projetar suas próprias tendências morais nos conspiradores. Em seu estudo os participantes com maiores pontuações em maquiavelismo tinham maior probabilidade de acreditar em teorias conspiratórias, provavelmente porque pensavam que se estivessem na posição do conspirador agiriam da mesma forma.

Foram observadas correlações positivas entre as crenças conspiratórias e a anomia (falta de identificação do indivíduo com as normas sociais) (e.g., Abalakina-Paap et al., 1999; Brotherton et al., 2013; Imhoff & Bruder, 2014; Leman & Cinnirella, 2013; Moulding et al., 2016). Os estudos também têm evidenciado que as crenças em teorias da conspiração estão negativamente associadas a níveis educacionais elevados (e.g., Douglas et al., 2016; Oliver & Wood, 2014; Van Elk, 2015). A propósito, Abalakina-Paap et al. (1999) sugerem que uma das razões pelas quais as pessoas podem acreditar em teorias da conspiração é por elas fornecerem explicações simplificadas para fenômenos complexos. Portanto, acreditar nessas teorias ajuda a alcançar um senso de estrutura e ordem em resposta à agitação associada a eventos complexos. Ademais, estas crenças oferecem explicações para eventos ambíguos ou inexplicáveis, ajudando a reassumir um senso de ordem e controle cognitivo (Douglas et al., 2016; Eicher et al., 2014).

Concluindo, parece evidente a necessidade e a importância de levar a cabo estudos que identifiquem os correlatos das crenças em teorias da conspiração. Por exemplo, já se sabe acerca de sua relação com a necessidade de controle cognitivo, a intolerância à incerteza cognitiva e a pouca tolerância à ambiguidade de informações. Porém, é importante investir em outros construtos que possam retratar mais particularmente a realidade brasileira, a exemplo do "jeitinho brasileiro" (Ferreira et al., 2012) e dos valores daqueles que vivem neste país (Gouveia et al., 2002).

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue:

A.R e V.G contribuíram para a conceitualização, investigação e visualização do artigo; A.R fez a redação inicial do artigo (rascunho); V.G, A.R e H.M são os responsáveis pela redação final (revisão e edição).

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

DECLARAÇÃO DE FINANCIAMENTO

A pesquisa relatada no manuscrito foi financiada parcialmente pela bolsa de mestrado do primeiro autor (CNPq) e pela bolsa de produtividade em pesquisa do segundo autor (CNPq)

REFERÊNCIAS

- Abalakina Paap, M., Stephan, W. G., Craig, T., & Gregory, W. L. (1999). Beliefs in conspiracies. *Political Psychology, 20*, 637-647.
- Bessi, A., Coletto, M., Davidescu, G. A., Scala, A., Caldarelli, G., & Quattrociochi, W. (2015). Science vs conspiracy: Collective narratives in the age of misinformation. *Plos One, 10*, 1-17. <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0118093>.
- Bilewicz, M., Winiewski, M., Kofta, M., & Wójcik, A. (2013). Harmful ideas, The structure and consequences of anti semitic beliefs in Poland. *Political Psychology, 34*, 821-839. <http://doi.org/10.1111/pops.12024>.
- Bogart, L. M., & Thorburn, S. (2006). Relationship of African Americans' sociodemographic characteristics to belief in conspiracies about HIV/AIDS and birth control. *Journal of the National Medical Association, 98*, 1144-1150.
- Bost, P. R., & Prunier, S. G. (2013). Rationality in conspiracy beliefs: The role of perceived motive. *Psychological Reports, 113*, 118-128. <http://doi.org/10.2466/17.04.PRO.113x17z0>.
- Brotherton, R., French, C. C., & Pickering, A. D. (2013). Measuring belief in conspiracy theories: The generic conspiracist beliefs scale. *Frontiers in Psychology, 4*, 1-15. <http://doi.org/10.3389/fpsyg.2013.00279>.
- Bruder, M., Haffke, P., Neave, N., Nouripanah, N., & Imhoff, R. (2013). Measuring individual differences in generic beliefs in conspiracy theories across cultures: Conspiracy Mentality Questionnaire. *Frontiers in Psychology, 4*, 1-15. <http://doi.org/10.3389/fpsyg.2013.00225>.
- Byford, J. (2014). Beyond Belief: The Social Psychology of Conspiracy Theories and the Study of Ideology. In: C. Antaki & S. Condor (eds.). *Rhetoric, Ideology and Social Psychology: Essays in Honour of Michael Billig* (pp. 83-94). Routledge.
- Cichocka, A., Marchlewska, M., de Zavala, A. G. (2016). Does self-love or self-hate predict conspiracy beliefs? Narcissism, self-esteem, and the endorsement of conspiracy theories. *Social Psychological and Personality Science, 7*, 157-166.
- Clarke, S. (2002). Conspiracy theories and conspiracy theorizing. *Philosophy of the Social Sciences, 32*, 131-150.
- Cook, J., Nuccitelli, D., Green, S. A., Richardson, M., Winkler, B., Painting, R. (2013). Quantifying the consensus on anthropogenic global warming in the scientific literature. *Environmental Research Letters, 8*, 1-7. <http://doi.org/10.1088/1748-9326/8/2/024024>.
- Douglas, K. M., & Sutton, R. M. (2011). Does it take one to know one? Endorsement of conspiracy theories is influenced by personal willingness to conspire. *British Journal of Social Psychology, 50*, 544-552.
- Douglas, K. M., Sutton, R. M., & Cichocka, A. (2017). The psychology of conspiracy theories. *Current Directions in Psychological Science, 26*, 538-542. <http://doi.org/10.1177/0963721417718261>.
- Douglas, K. M., Sutton, R. M., Callan, M. J., Dawtry, R. J., & Harvey, A. J. (2016). Someone is pulling the strings: Hypersensitive agency detection and belief in conspiracy theories. *Thinking & Reasoning, 22*, 57-77.
- Eicher, V., Clémence, A., Bangerter, A., Mouton, A., Green, E. G. T., & Gilles, I. (2014). Fundamental beliefs, origin explanations and perceived effectiveness of protection measures: Exploring laypersons' chains of reasoning about Influenza. *Journal of Community & Applied Social Psychology, 24*, 359-375. <http://doi.org/10.1002/casp.2170>.
- Ferreira, M. C., Fischer, R., Porto, J. B., Pilati, R., & Milfont, T. L. (2012). Unraveling the mystery of Brazilian Jeitinho: A cultural exploration of social norms. *Personality and Social Psychology Bulletin, 38*, 331-344. <http://doi.org/10.1177/0146167211427148>.
- Freedman, C. (2000). *Critical Theory and Science Fiction*. University Press of New England.
- Gouveia, V. V., de Albuquerque, F. J. B., Clemente, M., & Espinosa, P. (2002). Human values and social identities: A study in two collectivist cultures. *International Journal of Psychology, 37*, 333-342. <http://doi.org/10.1080/00207590244000179>.
- Graumann, C. F. (1987). Conspiracy: History and social psychology-a synopsis. *Changing Conceptions of Conspiracy, 245-251*.
- Grzesiak-Feldman, M. (2013). The effect of high-anxiety situations on conspiracy thinking. *Current Psychology, 32*, 100-118. <http://doi.org/10.1007/s12144-013-9165-6>.
- Gyárfášová, O., Krekó, P., Mesežnikov, G., Molnár, C., & Morris, M. (2013). *The conspiratorial mindset in the age of transition: Conspiracy theories in France, Hungary and Slovakia – Survey results*. http://www.ivo.sk/buxus/docs/publicacie/subory/The_Conspiratorial_Mindset_in_an_Age_of_Transition.pdf.

- Heider, F. (1958). *The psychology of interpersonal relations*. John Wiley.
- Hofstadter, R. (1966). The paranoid style in American politics. In: R. Hofstadter (Ed.) *The paranoid style in American politics and other essays* (pp. 3-40). Knopf.
- Imhoff, R., & Bruder, M. (2014). Speaking (un) truth to power: Conspiracy mentality as a generalised political attitude. *European Journal of Personality*, 28, 25-43. <http://doi.org/10.1002/per.1930>.
- Jolley, D., & Douglas, K. M. (2014a). The social consequences of conspiracism: Exposure to conspiracy theories decreases intentions to engage in politics and to reduce one's carbon footprint. *British Journal of Psychology*, 105, 35-56.
- Jolley, D., & Douglas, K. M. (2014b). The effects of anti-vaccine conspiracy theories on vaccination intentions. *Plos One*, 9, 898-906. <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0089177>.
- Jolley, D., Douglas, K. M., & Sutton, R. M. (2017). Blaming a Few Bad Apples to Save a Threatened Barrel: The System Justifying Function of Conspiracy Theories. *Political Psychology*, 39, 465-478.
- Keeley, B. L. (1999). Of conspiracy theories. *The Journal of Philosophy*, 96, 109-126. <http://doi.org/10.2307/2564659>.
- Kim, M., & Cao, X. (2016). The Impact of Exposure to Media Messages Promoting Government Conspiracy Theories on Distrust in the Government: Evidence from a Two-Stage Randomized Experiment. *International Journal of Communication*, 10, 1-20.
- Kruglanski, A. W. (1987). Blame-placing schemata and attributional research. *Changing Conceptions of Conspiracy*, 219-229.
- Leman, P. J., & Cinnirella, M. (2007). A major event has a major cause: Evidence for the role of heuristics in reasoning about conspiracy theories. *Social Psychological Review*, 9, 18-28.
- Leman, P. J., & Cinnirella, M. (2013). Beliefs in conspiracy theories and the need for cognitive closure. *Frontiers in Psychology*, 4, 1-10. <http://doi.org/10.3389/fpsyg.2013.00378>.
- Lewandowsky, S., Gignac, G. E., & Vaughan, S. (2013). The pivotal role of perceived scientific consensus in acceptance of science. *Nature Climate Change*, 3, 1-6.
- Lewandowsky, S., Oberauer, K., & Gignac, G. E. (2013). NASA faked the moon landing—therefore, (climate) science is a hoax: An anatomy of the motivated rejection of science. *Psychological Science*, 24, 622-633. <http://doi.org/10.1177/0956797612457686>.
- Lobato, E., Mendoza, J., Sims, V., & Chin, M. (2014). Examining the relationship between conspiracy theories, paranormal beliefs, and pseudoscience acceptance among a university population. *Applied Cognitive Psychology*, 28, 617-625. <http://doi.org/10.1002/acp.3042>.
- Longuet, M. (2014). Un Français sur cinq séduit par les théories du complot. *LCI*. <http://web.archive.org/web/20150116191850/http://lci.tf1.fr/france/societe/la-theorie-du-complot-seduit-de-plus-en-plus-de-francais-8437665.html>.
- Marchlewska, M., Cichońska, A., & Kossowska, M. (2018). Addicted to answers: Need for cognitive closure and the endorsement of conspiracy beliefs. *European Journal of Social Psychology*, 48, 109-117. <http://doi.org/10.1002/ejsp.2308>.
- McCauley, C., & Jacques, S. (1979). The popularity of conspiracy theories of presidential assassination: A Bayesian analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37, 637-644.
- McHoskey, J. W. (1995). Case closed? On the John F. Kennedy assassination: Biased assimilation of evidence and attitude polarization. *Basic and Applied Social Psychology*, 17, 395-409. http://doi.org/10.1207/s15324834basps1703_7.
- Miller, S. (2002). Conspiracy theories: public arguments as coded social critiques: a rhetorical analysis of the TWA flight 800 conspiracy theories. *Argumentation and Advocacy*, 39, 40-56.
- Moulding, R., Nix-Carnell, S., Schnabel, A., Nedeljkovic, M., Burnside, E. E., Lentini, A. F., & Mehzabin, N. (2016). Better the devil you know than a world you don't? Intolerance of uncertainty and worldview explanations for belief in conspiracy theories. *Personality and Individual Differences*, 98, 345-354. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2016.04.060>.
- Newheiser, A. K., Farias, M., & Tausch, N. (2011). The functional nature of conspiracy beliefs: Examining the underpinnings of belief in the Da Vinci Code conspiracy. *Personality and Individual Differences*, 51, 1007-1011. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.08.011>
- Oliver, J. E., & Wood, T. J. (2014). Conspiracy theories and the paranoid style (s) of mass opinion. *American Journal of Political Science*, 58, 952-966. <http://doi.org/10.1111/ajps.12084>.
- Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The dark triad of personality: Narcissism, Machiavellianism, and psychopathy. *Journal of Research in Personality*, 36, 556-563.
- Pigden, C. (2006). Complots of mischief. *Conspiracy Theories: The Philosophical Debate*, 139-66.
- Rose, C. (2017). *The measurement and prediction of conspiracy belief*, Doctoral Thesis. PhD in Philosophy, Victoria University of Wellington.
- Rezende, A. T. (2019). *Crenças em teorias da conspiração: Uma explicação a partir dos traços de personalidade e valores humanos*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba.
- Sapountzis, A., & Condor, S. (2013). Conspiracy accounts as intergroup theories: challenging dominant understandings of social power and political legitimacy. *Political Psychology*, 34, 731-752. <http://doi.org/10.1111/pops.12015>.
- Shermer, M. (2011). *The believing brain: From ghosts and gods to politics and conspiracies—How we construct beliefs and reinforce them as truths*. Henry Holt.
- Swami, V., Chamorro Premuzic, T., & Furnham, A. (2010). Unanswered questions: A preliminary investigation of personality and individual difference predictors of 9/11 conspiracist beliefs. *Applied Cognitive Psychology*, 24, 749-761.

- Swami, V., & Coles, R. (2010). The truth is out there: Belief in conspiracy theories. *The Psychologist*, 23, 560-563.
- Swami, V., & Furnham, A. (2012). Examining conspiracist beliefs about the disappearance of Amelia Earhart. *The Journal of General Psychology*, 139, 244-259. <http://doi.org/10.1080/00221309.2012.697932>.
- Swami, V., Voracek, M., Stieger, S., Tran, U. S., & Furnham, A. (2014). Analytic thinking reduces belief in conspiracy theories. *Cognition*, 133, 572-585.
- Uscinski, J. E., & Parent, J. M. (2014). *American conspiracy theories*. Oxford University Press.
- Van den Bos, K. (2009). Making sense of life: The existential self trying to deal with personal uncertainty. *Psychological Inquiry*, 20, 197-217. <http://doi.org/10.1080/10478400903333411>.
- Van der Linden, S. (2015). The conspiracy-effect: Exposure to conspiracy theories (about global warming) decreases pro-social behavior and science acceptance. *Personality and Individual Differences*, 87, 171-173. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2015.07.045>.
- Van Elk, M. (2015). Perceptual biases in relation to paranormal and conspiracy beliefs. *PloS one*, 10, 1-15. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0130422>
- Van Harreveld, F., Rutjens, B. T., Schneider, I. K., Nohlen, H. U., & Keskinis, K. (2014). In doubt and disorderly: Ambivalence promotes compensatory perceptions of order. *Journal of Experimental Psychology: General*, 143, 1666-1676. <http://doi.org/10.1037/a0036099>.
- Van Prooijen, J. W., & Acker, M. (2015). The influence of control on belief in conspiracy theories: Conceptual and applied extensions. *Applied Cognitive Psychology*, 29, 753-761. <http://doi.org/10.1002/acp.3161>.
- Van Prooijen, J. W., & Jostmann, N. B. (2013). Belief in conspiracy theories: The influence of uncertainty and perceived morality. *European Journal of Social Psychology*, 43, 109-115. <http://doi.org/10.1002/ejsp.1922>.
- Van Prooijen, J. W., & Van Dijk, E. (2014). When consequence size predicts belief in conspiracy theories: The moderating role of perspective taking. *Journal of Experimental Social Psychology*, 55, 63-73. <http://doi.org/10.1016/j.jesp.2014.06.006>.
- Whitson, J. A., & Galinsky, A. D. (2008). Lacking control increases illusory pattern perception. *Science*, 322, 115-117. <http://doi.org/10.1126/science.1159845>.
- Wood, M. J. (2016). Some dare call it conspiracy: Labeling something a conspiracy theory does not reduce belief in it. *Political Psychology*, 37, 695-705. <http://doi.org/10.1111/pops.12285>.

Submetida em: 23/08/2018
Primeira decisão: 26/09/2019
Aceita em: 20/04/2020